7º SEMIC | ESPM – São Paulo | outubro de 2018 | ISSN 2358-2138

A NOVA ERA DO TERRORISMO: OS CASOS DA AL-QAEDA E DO ESTADO ISLÂMICO.

Thomas Grossmann Werneck de Oliveira – Formando de Relações Internacionais
ESPM-SP

Prof. Geraldo Adriano Godoy de Campos
ESPM-SP
Profa. Dra. Denilde Oliveira Holzhacker
ESPM-SP

Resumo

O terrorismo não é algo novo. Ao longo de sua história, diversas mudanças podem ser notadas. Definir seu conceito é uma tarefa difícil e é debatida até hoje. Com uma definição precária, os estudos muitas vezes ficam também precários. Essa pesquisa é dotada de um embasamento teórico aprofundado na definição do conceito de terrorismo, no panorama histórico, teórico e tipológico do termo. Nesta pesquisa foram analisados dois estudos de caso: um do grupo conhecido por Al-Qaeda, responsável mais notoriamente pelos atentados de 2001; e o grupo autointitulado de Estado Islâmico, emergente nos noticiários na segunda década do século XXI. Espera-se com a pesquisa, obtenha-se um melhor entendimento acerca do terrorismo e um novo olhar, uma vez que os paradigmas antigos não servem para explicar a nova face do terrorismo. Com novos paradigmas e dimensões propostas, novas chaves de análise possibilitarão comparações de casos futuros e possivelmente uma sistematização do estudo, tornando-o mais eficiente.

Palavras-chave: Terrorismo; Segurança Internacional; Estado Islâmico; Al-Qaeda; Tipologia Terrorista; Internacionalização; Estratégia; Mídia; Promoção.

Introdução

O conceito de terrorismo é altamente complexo, suas definições são divergentes e, por vezes, pouco claras, falhando em encontrar um ponto de referência focal dentro de uma dinâmica de constante mudança. Os objetivos e propósitos constituintes do terrorismo transcendem os conceitos de política e poder, fazendo com que os atos de violência tenham impactos na segurança internacional, tornando esse tema central para a compreensão das forças que forjam as relações e estratégias no Sistema Internacional.

A internacionalização do terrorismo desde o ataque às torres gêmeas em 2001, sua relação simbiótica com a mídia internacional e as alterações do quadro jurídico internacional que lida com crimes de tal natureza, fazem do tema um assunto não apenas contemporâneo, mas extremamente carente de uma melhor compreensão no âmbito das Relações Internacionais.

Por meio de dois estudos de caso – do Estado Islâmico e da Al-Qaeda – o presente trabalho procurou explorar as diferenças entre essas duas organizações no que tange às suas formas organizacionais e respectivas estratégias de comunicação. Para tanto, foi analisado o histórico de cada grupo, suas respectivas estratégias organizacionais e seus métodos de promoção, sejam estes endógenos ou exógenos.

Tendo em mente que o tema trata das novas expressões comunicacionais do terrorismo nas Relações Internacionais, a delimitação escolhida para a pesquisa é direcionada a três dimensões analíticas: o modo de operação dos grupos, métodos de propaganda ou promoção, assim como, as suas respectivas histórias. As tendências organizacionais implicam em novas estratégias de comunicação, consequentemente, as pesquisas científicas buscam repensar os paradigmas da análise sobre o terrorismo.

A questão principal que norteia a presente pesquisa é: quais são os fatores que diferenciam o Estado Islâmico da Al-Qaeda no que diz respeito as formas organizacionais e estratégias comunicacionais?

Aspectos metodológicos

Desde a intensificação do estudo do assunto, diversos conceitos de terrorismo surgiram e foram utilizados por diferentes cientistas. No presente estudo foi adotada uma metodologia qualitativa com vertente comparativa, considerando a produção bibliográfica sobre o assunto e uma análise de discurso a partir dos materiais disponíveis. Segundo James Der Derian,

> Nos Estudos do terrorismo, o método é importante: mas pouca consciência crítica de quanto isso importa tem sido demonstrada no campo. Em segundo lugar, o método é matéria dada às práticas simbólicas do terrorismo, as limitações do antiterrorismo físico e a projeção similar do terrorismo pelos meios de comunicação, as representações do terrorismo assumiram uma materialidade poderosa. (DER DERIAN, 2009, p.71) –Tradução própria.

O método de pesquisa adotado foi o do estudo de caso. Foram analisados dois casos, um do grupo terrorista Al-Qaeda e outro do Estado Islâmico. Em ambos os casos foram abordados a história dos grupos, seus métodos de operação e estratégias de comunicação. Por estarmos lidando com um tema contemporâneo, o método de estudo de casos nos permite entender as preposições teóricas e direcionar uma coleta e análise de dados que servem de suporte para possíveis entrevistas e a elaboração de hipóteses.

Segundo Eisenhardt (1989, p.534-537), o estudo de caso é um método de pesquisa no qual se seleciona um caso para evidenciar situações extremas que permitam a compressão lógica, assim como, relacionar teorias que contribuam para o estudo de questões relevantes, possibilitando uma aplicabilidade incessante das mesmas. Nos estudos de casos foram analisadas as páginas na internet, vídeos, redes sociais e outros meios eletrônicos disponíveis utilizados pelos dois grupos em questão.

Quanto à análise de discurso, enfatiza-se que as categorias selecionadas serviram como vetores de identificação dos contornos do processo de constituição dos atores como sujeitos políticos. Assim, buscou-se destacar os modos pelos quais os discursos acerca dos dispositivos organizacionais e comunicacionais diferenciam as unidades analíticas.

Ciente das dificuldades inerentes ao estudo de organizações terroristas, especialmente no que diz respeito ao acesso às informações internas e organizacionais, a etapa inicial do trabalho apresenta de forma precisa e sistematizada os materiais que compõem o corpus da pesquisa. Procurou-se fazer, então, um mapeamento das ações dos grupos, por meio de documentos oficiais, entrevistas com especialistas da área, bases de dados e ferramentas analíticas como a *Global Terrorism Database* (GTD) da Universidade de Maryland ou como a *Terrorism Research & Analysis Consortium* (TRAC). Foram utilizados também vídeos produzidos pelos grupos, encontrados em sites como *Zero Censorship* para realizar o rastreamento e acesso a novos conteúdos. Além das ferramentas analíticas mencionadas acima, foi utilizada a revista Rumiyah que é ligada ao grupo Estado Islâmico. A coleta do material possibilitou a construção do panorama geopolítico, além de propiciar diversas categorias analíticas, como produção discursiva, visão organizacional e outras.

Após uma coleta adequada de dados, por meio das ferramentas mencionadas acima, seguiu-se da análise e tratamento dos dados obtidos. Yin propõe duas estratégias gerais para o tratamento de dados. A primeira consiste na formulação de em uma hipótese ou preposições teóricas estabelecidas previamente, que deram origem ao estudo, para guiar a seleção de dados e definir explanações possíveis. A segunda, trata-se de desenvolver uma descrição do caso. Esta estrutura descritiva permite que o pesquisador tenha um maior entendimento dos tipos de decisões e pessoas envolvidas e não do processo em si (YIN, 2015). Uma estratégia não exclui a outra, utilizamos ambas as estratégias mencionadas. A pesquisa se adequa ao primeiro caso, pois ela parte da hipótese de que o Estado Islâmico é um fenômeno novo no contexto terrorista e, estamos perante a um novo paradigma comunicacional e organizacional do terror, porém, ela se aplica no segundo caso também, já que efetuamos uma descrição dos casos. Para suportar a hipótese, nos baseamos em uma vasta revisão bibliográfica de teor teórico e histórico em conjunto com a coleta de dados, como foi mencionado anteriormente.

A condução do tratamento do material se divide em quatro etapas: (I) Adequação ao padrão que "consiste em comparar um padrão fundamentalmente empírico com outro de base prognóstica (ou com várias outras previsões alternativas). Se os padrões coincidirem, os resultados podem ajudar o estudo de caso a reforçar sua validade interna" (YIN, 2015, p. 136); (II) construção da explanação, que se caracteriza principalmente por explicar o fenômeno e estipular um conjunto de relações causais acerca do mesmo (YIN, 2015, p.141); (III) análise de séries temporais, na qual será planificado uma série de eventos e fenômenos acerca da pesquisa; e por último, (IV) modelos lógicos de programa, que consiste na união das etapas (II) e (III), citadas acima, de forma a realçar na sequência de eventos e fenômenos, uma ordem de causa-efeito (YIN, 2015, p. 136-149). A pesquisa se baseou na proposição de Yin, porém com eventuais alterações, de acordo do que era melhor para o desenvolvimento da pesquisa, assim como, para uma coleta de dados mais eficiente a fim de responder à questão norteadora da pesquisa.

Terrorismo na modernidade

Uma noção comumente adotada em relação ao terrorismo situa-o como algo irracional, desordenado e exterior ao sistema. No entanto, ao contrário do que esta visão simplista apresenta, Hoffman (2006, p.3, tradução própria) chama a atenção para o fato de que o terrorismo é algo "planejado, calculado e é, de fato, um ato sistemático". A compreensão do terrorismo como algo sistemático, seja em relação a maneira pela qual opera, ou pelo âmbito

em que se apresenta, facilita a análise do fenômeno. Como é colocado por Martha Crenshaw, o termo terrorismo pode ser traduzido para *Sistema de Terror*. O cientista político italiano Giovanni Sartori enuncia a importância do caráter discriminatório e classificatório de um conceito para que esse proporcione o estudo de dado elemento e um certo período e o estudo de outro elemento e outro período. Ou seja, o conceito deve garantir a aplicabilidade precisa em diferentes fenômenos. Segundo Sartori (SATORI, 2011 apud CRENSHAW, 2013 p.21), um conceito deve possuir um nível médio de abstração, em conjunto com alta capacidade explanatória e matéria descritivo preciso e não abrangente. Crenshaw (2011) disserta que, o ato de terrorismo é uma mistura de duas coisas, a ameaça e o uso de violência. Os alvos de terrorismo não são, normalmente, obstáculos a serem superados, mas sim símbolos de determinado grupo. Desta maneira o ato deve transmitir uma mensagem a esse grupo de interesse de que qualquer membro deste grupo pode ser o próximo alvo explícito (CRENSHAW, 2011, p.23). Crenshaw (2011) argumenta que este atributo é válido apenas para terrorismo insurgente e não estatal, no entanto o funcionamento dual de ameaça e ação é aplicável em ambos os casos.

Pela definição dada de terror, assumimos que terrorismo serve apenas para incitar o terror e o sentimento de extremo medo. No entanto, apesar desta ser a definição *imediata* do termo, devemos considerar as repercussões possíveis de um ato terrorista. O terrorismo vai além do ato. O ato pode estar acompanhado pela ameaça, como argumenta Crenshaw (2011), porém, o impacto psicológico e emocional pode variar de pessoa a pessoa e certos grupos. O efeito do ato e da mensagem podem incitar o medo extremo ou até mesmo curiosidade, simpatia ou admiração de grupos não ameaçados diretamente (CRENSHAW, 2011, p.23). Novamente a autora limita esta característica a grupos insurgentes, no entanto, ela pode ser aplicada a qualquer tipo de ato terrorista e não apenas insurgente. A resposta emocional proveniente do ato é intencionada para influenciar o comportamento político e ações do grupo alvo a fim de aumentar as chances de o grupo terrorista atingir seu objetivo seja qual for. Crenshaw (2011) ressalta que para um grupo insurgente o uso de estratégias terroristas implica em uma série de riscos. O primeiro é o risco de o ato gerar hostilidade na população e não medo. O segundo é a possível resposta devastadora do governo que pode dizimar a organização e por último o risco de que a implementação de atos terroristas pode danificar a própria moral e situação emocional do grupo (CRENSHAW, 2011, p. 32).

Devemos realçar que o principal elemento de estudo de Crenshaw (2011) em sua obra "*Explaining Terrorism"* são grupos insurgentes, porém, não podemos desconsiderar que o terrorismo em si é a estratégia de sistematizar o terror e que pode ser adotada por qualquer

grupo, seja este insurgente ou não. Assim, a estratégia de grupos insurgentes não é única existente quanto à postura organizacional. A autora coloca da seguinte maneira:

> Resumindo os componentes básicos da definição do conceito de terrorismo produz a seguinte lista de propriedades essenciais que um exame empírico de dados deve revelar:
>
> 1- Terrorismo é parte de uma estratégia revolucionária – um método usado por insurgentes para obter poder político de um governo existente.
> 2- Terrorismo é manifestado através de atos de violência inaceitável nos âmbitos social e político.
> 3- Tem um padrão consistente de simbologia ou representatividade da seleção das vítimas ou objetos do ato terrorista.
> 4- O movimento revolucionário, deliberadamente, intenciona estas ações a fim de criar um efeito psicológico em grupos específicos e assim mudando seus respectivos comportamentos e atitudes políticas.
>
> (CRENSHAW, 2011, p. 23) – Tradução própria.

Podemos notar que Crenshaw (2011) insiste na questão do terrorismo como uma estratégia adotada, especialmente, por grupos insurgentes ou revolucionários, no entanto, isso não impede a autora de abordar características diversas assim como Schmid (2011) e outros autores.

Simbiose midiática

Os atentados de 11 de setembro de 2001 impactaram o mundo de diversas maneiras, mas acima de tudo, marcaram o início de uma nova era para o Terrorismo e para a Segurança Internacional (HOFFMAN, 2006). A Al-Qaeda se responsabilizou pelo ataque e, desde então, os Estados Unidos da América, em cooperação com outros países, procuram combater este adversário. No entanto, mesmo antes da morte de Osama Bin Laden, líder do grupo, em 2011, o grupo já não estava mais no escopo da mídia da mesma maneira que estava no começo do século. Da mesma maneira que quando uma hegemonia cai há um vácuo de poder a ser preenchido, com o declínio da Al-Qaeda coube a outro grupo assumir o papel de protagonista e, dentre inúmeros, o grupo que se destaca é o Estado Islâmico.

Os últimos anos foram marcados por uma série de ataques terroristas, especialmente em localizações que não eram alvos convencionais para tal ato. Desde janeiro de 2015, podemos evidenciar quatro ataques de grande impacto realizados pelo autoproclamado Estado Islâmico. Um atentado duplo em Paris em novembro de 2015 resultando na morte de aproximadamente 130 pessoas (BOLTON, 2015); outro em Bruxelas, Bélgica em março de 2016 que deixou ao menos 34 mortos e centenas de feridos (FLOOD, 2016); o ataque no aeroporto internacional de Ataturk em Istambul que resultou na morte de

36 pessoas (G1, 2016); e o mais mortal até então, o atentado de bomba realizado em Baghdad em julho de 2016 que resultou na morte de mais de 250 pessoas, caracterizando-o o ataque mais mortal na cidade desde 2003 (DEARDEN, 2016). Estes são os atentados que se destacam dentre os inúmeros pelos quais o grupo se responsabilizou.

Enfatiza-se que, o Estado Islâmico certamente não é o primeiro grupo terrorista a ser projetar em um âmbito internacional, outros grupos como a Al-Qaeda já tinham essa projeção maior do que os demais grupos. Com a declaração do então presidente Norte-Americano George W. Bush de "*Guerra ao Terror*" após os atentados em Nova Iorque em 11 de setembro de 2001, marca-se o início de uma guerra entre estes grupos e aqueles que se aliavam aos Estados Unidos da América. Porém, o Estado Islâmico, atualmente, domina os noticiários e é responsável por inúmeros atentados e mortes.

"O terrorismo apresenta uma relação quase simbiótica com a mídia". Esta colocação é feita por Javier Delgado Rivera (2016) em seu artigo "The Symbiotic Relationship between Western Media and Terrorism". Tal colocação dialoga com a observação de Hoffman (2016) de que "Somente espalhando o terror e a indignação a uma audiência muito maior, que os terroristas podem ganhar o poderio de manuseio potencial máximo que necessitam efetuar a mudança política fundamental" (HOFFMAN, 2006, p.174 – Tradução própria). Considerando esta frase, é possível evidenciar a importância da mídia para realizar o "*Advertisement"* da mensagem a ser transmitida pelos atos terroristas (RIVERA, 2016).

Em 1996, o notório terrorista, Osama Bin Laden e seu grupo Al-Qaeda, declaram guerra aos Estados Unidos da América. A declaração recebe pouca atenção na mídia ocidental. No entanto, com os atentados de 2001, a cobertura do evento por redes de televisão, rádio outros meios de comunicação, direcionam todos seus esforços para o grupo. A promoção do evento não foi responsabilidade do grupo, mas sim da mídia global. O mundo inteiro parou em 11 de setembro de 2001 para ver em suas televisões o horrível ataque às Torres Gêmeas. (RIVERA, 2016). A mídia serve como meio para canalizar e amplificar o medo. Ao falar sobre o Estado Islâmico, Yannick Lepage sustenta que

> "O Estado Islâmico depende de uma rede global de disseminadores para promover seu material. Em vez de uma única fonte atuando como a voz monolítica da organização, vários mensageiros colaboram para comunicar sua mensagem, dando assim os aspectos de autenticidade e ampla aceitação" (LEPAGE, 2016, p.13 – Tradução própria).

Dado que a ausência de imparcialidade faz parte do fenômeno midiático, há resquícios e evidências de visões e perspectivas particulares que são transmitidas ao público alvo. Essa

característica da mídia leva, facilmente, ao sensacionalismo, generalização e à desinformação (RIVERA, 2006).

Como alternativa para uma mídia parcial, existem as redes sociais. O século XXI trouxe inúmeras inovações tecnológicas, dentre as quais estão as mídias sociais, como Facebook e Twitter. Estas tecnologias apresentam um meio sem intermediários onde o leitor tem acesso direto à informação. No entanto, com essa vantagem, existe uma desvantagem, este meio sem filtro propícia canais de propaganda e radicalização para os grupos terroristas (AISTROPE, 2016). Este é um *front* de tanta importância quanto os demais. Lepage (2016) argumenta que ignorar esse aspecto atrapalha a eficiência de combater o terrorismo, além disso, esta pode ser uma das justificativas da falha da Guerra ao Terror. Lepage diz:

> Talvez o maior erro na "Guerra ao Terror" tenha sido a crença de que a destruição dos campos de treinamento e da liderança de Aa-Qaeda levaria ao fim do grupo, de seus movimentos afiliados e sua ideologia. Da mesma forma que a apropriação de terras por parte do Estado Islâmico é impressionante, as ações on-line do grupo foram ainda mais preocupantes. A omnipresença de sua ideologia e mensagem significa que derrotar o grupo exigirá mais dos governos ocidentais do que uma simples resposta militar no Iraque ou mesmo em outras partes do Oriente Médio: a própria mensagem precisa de uma resposta efetiva. (LEPAGE, 2016, p.14 – Tradução própria).

Lepage conclui que para que o combate ao terrorismo seja eficiente, os países ocidentais devem alinhar suas estratégias e agir de maneira conjunta, aliando-se com nações no mundo Islâmico e com a sociedade muçulmana de maneira geral (LEPAGE, 2016). É importante destacar que Lepage se refere à um tipo de terrorismo específico, o terrorismo ligado ao islamismo.

Estratégias organizacionais e comunicacionais da Al-Qaeda

O nome da Al-Qaeda é um dos motivos de sua fama. “A base” possibilitou a criação de novas entidades e organizações partindo da mesma, os chamados *Splinter Groups*. No começo sua estrutura poderia ser similar ao terceiro tipo de rede de Arquilla e Ronfeld, no entanto, há divergências acerca do assunto. Mishal e Rosenthal (2005) propõem uma outra categorização para a estrutura organizacional da Al-Qaeda. Eles se referem à Al-Qaeda como uma **organização de duna de areia**. A premissa desse tipo de organização é que eles são sujeitos a alterações de acordo com o território que estão inseridos. Quando consideramos os *Splinter Groups* vindos da Al-Qaeda, ou seja, todas suas filias, como a Al-Qaeda no Iraque, a

Al-Qaeda no Iêmen e outras, essa abordagem faz sentido. Cada filial, pode ser entendida como uma "mutação" ou "encaixe" da duna de areia de acordo com o território que se situa. Nas palavras de Schmid, "A organização de duna é quase aleatória quando se move de um território para outro, mudando suas características ao longo do processo" (SCHMID, 2011, p. 187). No entanto, Schmid argumenta que, por mais a metáfora da Duna de Areia seja boa para entendermos o processo de ramificação do grupo, ela não serve de modelo de estrutura organizacional (SCHMID, 2011).

Nóbrega utiliza um diagrama de pirâmide (Figura 1) para explicar a estrutura externa do grupo (NÓBREGA, 2013). Nessa pirâmide, ao topo está a Al-Qaeda Central, ou o "elo central" do modelo de Arquilla e Ronfeld. Abaixo se encontram os grupos afiliados, os *Splinter Groups*, como a Al-Qaeda no Iraque, no Iêmen e outros. Na terceira camada estão os grupos aliados da Al-Qaeda. Na camada abaixo, estão os grupos pequenos que se afiliam a Al-Qaeda, seja a central ou filial e têm acesso aos recursos da mesma, desenvolvendo e planejando ações em conjunto. Na última camada estão os indivíduos. Esses são os indivíduos independentes do grupo, mas que apresentam empatia pelo mesmo. São indivíduos que são inspirados pelos ideais e ações do grupo, mas não fazem parte da estrutura interna do mesmo. Esses indivíduos podem ser entendidos como os *Lobos Solitários* que têm dominado o noticiário nos últimos anos.

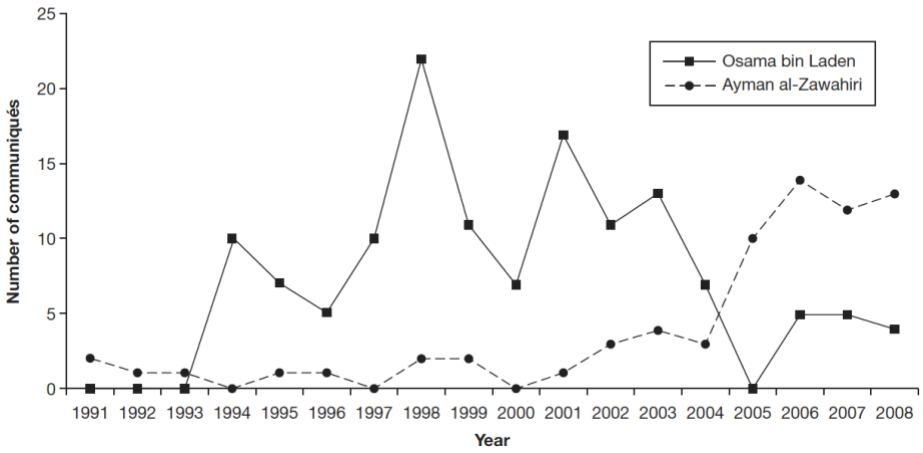
Figura 1 Estrutura Externa da Al-Qaeda

Fonte: Carla Nóbrega (2013)

A organização da Al-Qaeda não foi o único aspecto que os diferenciou de outros grupos terroristas já existentes. A comunicação do grupo foi e é um fator de extrema importância. O discurso de declaração de guerra de Bin Laden contra os Estados Unidos da América é famoso, porém não foi a primeira e nem última aparição do grupo ou um de seus

representantes na mídia internacional. Alan Schmid mostra em um gráfico (Figura 18) o número de comunicados (*Communiqués*) realizados por Bin Laden e Zawahiri entre 1991 e 2008. Pode-se notar a volatilidade nas exposições de Bin Laden, ao passo que Zawahiri, por mais que não se mostrasse muito no começo, após 2004, nota-se um aumento coerente e menos volátil do número de comunicados. O motivo para a diminuição das aparições de Bin Laden e do aumento de Zawahiri não pode ser determinado com certeza, mas pode ser que Bin Laden já iniciava o processo de "passar a tocha" ou a administração da organização para Zawahiri a partir de 2003, quando o número de comunicados de Bin Laden cai drasticamente e os de Zawahiri sobem rapidamente

Figura 2 Número de comunicados da Al-Qaeda entre 2001 e 2008



Fonte: Alan Schmid, 2011, p. 281.

Um outro fator de extrema importância a ser examinado quando estamos estudando a comunicação de um grupo terrorista, é o material próprio do grupo. Da mesma maneira que o Exército Estadunidense ou de qualquer outra nação possua seus respectivos manuais de combate e regras de engajamento (*Rules of Engagement - ROE*), a Al-Qaeda possui o seu. Tropas Inglesas confiscaram e traduziram um desses manuais a "Declaração de Jihad contra os tiranos dos Países (série militar)" que é utilizado exclusivamente para táticas de combate, vigilância e outras (GUNARANTNA, 2002). Esse lado tático, calculado e metódico observado na linguagem do manual colocado acima não é o único material produzido pela Al-Qaeda. Outra matéria relevante é a revista *Inspire* criada pelo grupo em 2010. Trata-se de uma revista com muito mais investimento em produção. A edição é notavelmente mais fina e elegante, mas a linguagem objetiva, direta e metódica permanece.

No excerto destacado da edição 17 da revista, encontrado no site Jihadology.net, há instruções passo-a-passo para a construção de um instrumento que serve para descarrilhar trens.

Estratégias organizacionais e comunicacionais do Estado Islâmico

A estrutura organizacional do Estado Islâmico está diretamente relacionada a seu histórico. É evidente a semelhança entre a estrutura do grupo com a estrutura organizacional da Al-Qaeda. Há um Emir, originalmente Abu Musab al-Zarqawi, então líder da Al-Qaeda no Iraque (AQI) e primeiro líder do EI. Como foi dito anteriormente, após sua morte, Abu Bakr al-Baghdadi assume liderança do grupo como Emir, Califa Ibrahim. Assim como na Al-Qaeda, o Emir conta com o apoio de um secretário, nesse caso, um para o Iraque e outro para a Síria, que por sua vez geram doze governadores, que possuem controle e administração dos diversos conselhos: Legal, Segurança, Militar, Mídia e outros. Estruturas equivalentes aos comitês da Al-Qaeda. Um ponto que se diferencia da estrutura da organização-mãe são os Conselhos de Liderança e de Shura. Esses conselhos servem como colateral caso o Emir seja morto e são responsáveis por apontar um seu sucessor, como assim o fizeram com Baghdadi. Abaixo (Figura 3) está o organograma do Estado Islâmico, demonstrando a estrutura hierárquica do grupo.

Figura 3 Estrutura Organizacional do EI

Fonte: O globo

O Estado Islâmico é uma organização relativamente nova. Ela nasce em um mundo já conectado e rapidamente se apropria dos avanços tecnológicos para espalhar seus

ideais. Enquanto seu antecessor (Al-Qaeda) adota incialmente de uma linguagem mais tática para depois, através de um processo de maturidade incorporar uma linguagem mais refinada como é visto na revista Inspire, o EI já se apropria, desde o início, de uma linguagem refinada e com foco em apelo emocional, não dando muita atenção ao quesito tático observado no outro grupo. Trouxemos dois exemplos de material desenvolvido pelo Estado Islâmico. As revistas Dabiq e Rumiyah, introduzidas sob o comando de Baghdadi. Ambas possuem uma linguagem visual similar à *Inspire*. Com imagens bem editadas, textos bem redigidos e uma arte mais refinada, com apelo mais emocional. Essas revistas são como qualquer outra, Veja, Isto é e outras, exceto pelo fato de serem utilizadas a prol do *Jihad* e da propagação da ideologia do Estado Islâmico.

Outro fator interessante para destacarmos sobre a comunicação do Estado Islâmico é a exposição da violência. Nas palavras de Weiss e Hassan, "Al-Zarqawi provou-se um pioneiro terrível em outro aspecto importante: o casamento da ultraviolência pavorosa e a mídia em massa" (WEISS, HASSAN, 2015, p.41). Sob sua liderança, o EI executou americanos como James Foley, Nicholas Berg, Steven Sotloff e Petter Kassig e inúmeras outras pessoas de diversas nacionalidades em televisão. Enquanto a Al-Qaeda se restringia à comunicados curtos específicos, o EI procura toda a atenção que pode. Acredita-se que o grupo faz o *upload* de mais de um vídeo por dia. A maioria é tirado do ar, porém muitos podem ser encontrados na internet, em sites como zerocensorship.com e outros. Weiss e Hassan realçam,

> Embora al-Zarqawi alegadamente mantivesse uma equipe de três pessoas que eram fluentes em softwares de edição de computadores e tecnologia de internet comparativamente mais primitiva, o EI representou um incremento em habilidade de mídia dramático em a al-Zarqawi, empregando os seus próprios canais e postagens de mídia social para disseminar informações. (WEISS, HASSAN, 2015, p. 42)

Conclusões

Em vista de tudo que foi observado e considerado ao decorrer da pesquisa, podemos realizar certas conclusões, tendo em mente a questão-problema proposta no projeto inicial da pesquisa. A presente pesquisa foi desenvolvida a fim de responder tal questão: **quais são os fatores que diferenciam o Estado Islâmico da Al-Qaeda no que diz respeito a formas organizacionais e estratégias comunicacionais?** Ao longo da pesquisa, novas ideias e problemas surgiram, o que abriu espaço para alterações pequenas, que culminaram em um

melhor desenvolvimento da pesquisa e estudo do tema. Porém, antes de respondermos a questão, devemos fazer algumas considerações.

A primeira consideração é acerca do histórico de ambos os grupos. Boa parte da história do Estados Islâmico é a mesma história da Al-Qaeda. Dessa maneira, mesmo hoje sendo considerados grupos separados, eles apresentam muitas similaridades, que foram observadas no conteúdo exposto na presente pesquisa.

A segunda consideração envolve as dificuldades na realização da pesquisa. Há muita divergência na literatura não apenas a respeito da definição de terrorismo, mas também de como aborda-lo. Reconhecer as diferentes abordagens foi o primeiro passo para entender os casos estudados. O que nos leva à terceira consideração, a importância do estudo desse tema para que possamos abordá-lo de forma adequada. Reconhecemos que a presente pesquisa não foi capaz de estudar e apresentar tudo acerca do tema, dado a complexidade do mesmo. Porém, espera-se que da mesma maneira que os pesquisadores se tornaram mais conscientes acerca do assunto, aquele que a leia também se familiarize pelo menos parcialmente com o tema. Feitas essas considerações, podemos seguir para as conclusões.

A primeira conclusão que chegamos é que, sob uma ótica tipológica, não há muita diferença entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico. Como foi observado no capítulo anterior, a inserção e categorização dos grupos, de acordo com a tipologia existente não permite diferenciação significativa entre os grupos. Ou seja, ao ver da tipologia explorada, os grupos são iguais e pertencem ao mesmo tipo de terrorismo.

No que diz respeito as **estruturas organizacionais** dos grupos, eles novamente não se diferenciam muito. A estrutura é similar, com pequenas diferenças de nomenclatura. No entanto, por mais que os cargos de ambas organizações sejam similares, o que os diferencia são aqueles que ocupam esses cargos. Talvez, um dos motivos pelos qual o EI realizou muitos mais ataques bem-sucedidos em um tempo menor do que a Al-Qaeda é o fato de boa parte do comando do EI ser composto pelos Baath ou Saddamistas, ex-oficiais do governo de Saddam Hussein, que possuem o cabedal e experiência para coordenar ações com mais efetividade.

Em relação às **estratégias comunicacionais**, como foi visto, a principal diferença está na linguagem utilizada. Apesar da Al-Qaeda ser uma organização mais velha e possuir uma linguagem mais tática e rudimentar, os materiais próprios criados pela organização, como a revista *Inspire*, não se diferenciam muito do material produzido pelo Estado Islâmico (Dabiq, Rumiyah), apenas na linguagem e na frequência de publicações, onde o Estado Islâmico apresenta maior apelo emocional e não tático, assim como está mais ativo em meios diversos, chegando a postar mais de um vídeo por dia na internet, o que é muito em relação ao outro

grupo. Outro ponto que o Estado Islâmico se diferenciou em relação à Al-Qaeda no quesito de comunicação, foi a abordagem da violência. Como foi dito em diversos pontos da pesquisa, o EI se apropriou e utilizou da violência televisionada para se tornar famoso.

O motivo dessa diferença no quesito comunicacional, especialmente em relação ao maior apelo emocional por parte do EI não pode ser explicado de maneira clara e direta. No entanto podemos especular que um dos fatores que mais influenciam esse aspecto é o histórico do grupo, assim como sua liderança e seus integrantes, como exemplo novamente, os Baath.

Essa pesquisa, por mais que não pareça, é simples e não é capaz de contemplar tudo do tema abordado. Mesmo respondendo à questão problema proposta, ainda há muitas outras questões e abordagens possíveis, que podem ser exploradas em pesquisas futuras.

Referências

BOLTON, D. Paris victims: All 129 people killed in terrorist attacks identified by French government. **Independent**. Londres, nov. 2015. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/paris-attack-victims-list-french-government-identifies-all-129-people-killed-in-paris-terrorist-a6739116.html>. Acesso em: 28 de out. 2016.

CRENSHAW, Martha. **Explaining terrorism:** causes, processes and consequences. Wiley, 2013.

DER DERIAN, James. **Critical practices in international theory**: selected essays. Routledge, 2009.

EISENHARDT, K. **Building Theories from Case Study Research.** Academy of Management Review, vol. 14, 1989.

FLOOD, R. Four more die from Brussels terror attacks injuries raising death toll to 35. **Express**. Londres, mar. 2016. Disponível em: <http://www.express.co.uk/news/uk/656161/Brussels-death-toll-rises-to-35>. Acesso em: 28 de out. 2016.

G1. Explosões no aeroporto de Istambul deixam 36 mortos. **Globo.** São Paulo, jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/explosoes-sao-registradas-no-aeroporto-de-istambul.html>. Acesso em: 28 de out. 2016.

GUARANTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. Nova Iorque, Columbia University press, 2002

HOFFMAN, Bruce. **Inside terrorism**. Columbia University Press, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. Editora Companhia das Letras, 2007.

INSPIRE. al-Qaidah in the Arabian Peninsula. **Jihadology**, ago. 2017. Disponível em: <http://jihadology.net/category/inspire-magazine/>. Último cesso em: 17 de fev. 2018.

NÓBREGA, Carla José Moniz Ferreira de. **Al-Qaeda:** análise estratégica da maior organização terrorista do século XXI. Tese de Doutorado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2013.

RIVERA, J. D. The Symbiotic Relationship between Western Media and Terrorism. **Carnegie Council.** Nova Iorque, mai. 2016. Disponível em: <http://www.carnegiecouncil.org/publications/ethics_online/0117>. Acesso em: 28 de out. 2016.

WEISS, Michael, HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico**: desvendando o exército do medo. Editora Pensamento-Cultrix Ltda., 2015

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. Bookman editora, 2015.